

Editorial

O número 7 da revista (primeiro semestre de 2012) foi dedicado às representações em arquitetura e urbanismo, a título de um preâmbulo ao “2º Seminário Internacional Representar – Brasil 2013: As representações em Arquitetura, Urbanismo e Design”, que aconteceria em São Paulo, como de fato aconteceu, em agosto de 2013. Esse evento foi organizado e patrocinado pelas instituições de ensino: Universidade São Judas Tadeu, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Paulo (FAU-USP), Instituto Presbiteriano Mackenzie, Centro Universitário SENAC e FADU-UNL de Santa Fe, Argentina, contando com o apoio dos órgãos de fomento à pesquisa: FAPESP e CAPES. Imbuídos pelos interesses expressos pelo seminário, nosso olhar concentrou-se na problemática dos desenhos e no interesse relacionado a coleções formadas por diferentes instituições comprometidas com a documentação, conservação e divulgação de desenhos de arquitetura, urbanismo e design.

Sendo o número 9 temático, decidimos revisitar o tema das representações desta vez por meio da seleção de alguns acervos ligados a instituições de diferente natureza, sejam fundações, ou instituições de ensino, para compor um panorama geográfico que unifica histórica e culturalmente as Américas com a Península Ibérica.

O interesse da publicação é aproximar alguns arquivos de dentro e fora das fronteiras do país, com o intuito de possibilitar o conhecimento, ainda que parcial, desse material e contribuir para a maior visibilidade e acesso a essas coleções. Os que se encontram fora do país são pouco conhecidos, ou até mesmo desconhecidos do público em geral, o que nos levou a pensar que seria de grande valia apresentar algumas dessas experiências. Para tanto, convidamos diretores e responsáveis por respeitáveis coleções nas Américas e na Península Ibérica a apresentarem seus acervos e as iniciativas empreendidas pelas instituições que os abrigam.

Os acervos de desenhos de grandes arquitetos do passado configuram espaços da memória de uma forma de fazer arquitetura que está desaparecendo rapidamente. Nesse sentido, transformam-se em verdadeiros centros de estudo de uma tradição de quinhentos anos que deixa, pouco a pouco, de existir como tradição viva para tornar-se objeto de museu. Talvez, por isso, esse tipo de centros estejam multiplicando-se nas universidades, desde o México até a Argentina, do Peru à Espanha, como já se evidenciava, de forma mais intensa e antiga, fora de nosso âmbito cultural, no mundo anglo-saxão (com as magníficas coleções do RIBA ou do MoMA, por exemplo) e na Europa (os arquivos Le Corbusier, Bauhaus, o as formidáveis coleções italianas). É bem verdade que a Península Ibérica também conta com instituições antigas e com acervos impressionantes como o da Real Academia de Bellas Artes de San Fernando, em Madri, instituição cujas coleções remontam ao século XVIII.

As escolas de arquitetura em muitos países já possuem acervos de desenhos que seus professores (arquitetos que exerceram a profissão e a docência) lhes doaram, não só como material de pesquisa, mas também como peças de um código de representação submetido a permanente transformação. A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de USP, a de Arquitetura da Universidad Nacional Autónoma de México, ou o Archivo de Arquitectura y Construcción de la Universidad de Puerto Rico, são bons exemplos dessa atitude.

Por outro lado, as entidades de classe dos arquitetos têm formado arquivos importantes durante anos, e agora os disponibilizam para pesquisadores e estudantes. O arquivo do Colegio de Arquitectos de Madrid e o Archivo Histórico de la Sociedad Central de Arquitectos de Buenos Aires, representam essas tendências. Também as fundações e institutos formados a partir da herança de importantes mestres do passado comprometem-se com a preservação do legado pessoal de criadores de renome como Lina Bo Bardi, Oscar Niemeyer ou Lúcio Costa. Finalmente, as cidades estão estruturando seus acervos e organizando suas coleções, pensando em disponibilizar a enorme quantidade de desenhos de projetos, arquitetônicos e urbanísticos, conservados em seus arquivos históricos. O Gabinete do Desenho da Prefeitura de São Paulo, ou o trabalho da Divisão de Informação Urbana Georreferenciada da Câmara Municipal de Lisboa, que implementou o interessante programa “Lisboa Interativa”, demonstram o interesse dos governos municipais em aprofundar essa iniciativa.

Com o propósito de reunir essas experiências, tivemos o prazer de contar neste número com representantes de algumas destas instituições que nos honraram com sua participação. Destarte, agradecemos profundamente a colaboração de: Dina Uliana, Diretora da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP; Renato Anelli, Diretor do Instituto Lina Bo e P. M Bardi; Agnaldo Farias, curador e idealizador do Gabinete

do Desenho da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo; Anna Paula Canez, Coordenadora do Mestrado Associado em Arquitetura e Urbanismo UniRitter/Mackenzie e líder do Grupo de pesquisa “Lucio Costa: Obra Completa”; Lourdes Cruz, coordenadora do Archivo de Arquitectos Mexicanos (AAM) da Facultad de Arquitectura da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM); Marta Garía Fació, responsável pelo Archivo Histórico da Sociedad Central de Arquitectos de Buenos Aires e que nos apresenta o Centro de Documentación de Arquitectura Latinoamericana (CEDODAL); Alberto Sanz, coordenador do Servicio Histórico da Fundación Arquitectura do Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid (COAM); e, Silvia Arbaiza, pesquisadora, Professora Titular da Escuela Universitaria Arquitectura Técnica de Madrid (EUATM) da Universidad Politécnica de Madrid (UPM), e colaboradora da Real Academia de Bellas Artes de San Fernando.

Artigos

No seu artigo sobre o acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Uliana aborda aspectos da criação e desenvolvimento de uma das mais importantes bibliotecas universitárias especializada em arquitetura, urbanismo e design. Destaca-se aqui a sua coleção de desenhos originais de arquitetura brasileira que guarda, no seu Setor de Projetos Originais de Arquitetura, um acervo com mais de oito mil projetos, representados em quatrocentas mil fo-

lhas. Esse acervo está formado pelas coleções da produção de mais de 40 escritórios de arquitetura cujas obras abrangem quase dois séculos da história paulista.

O texto de Agnaldo Farias foi escrito inicialmente para abrir os trabalhos expositivos do Gabinete do Desenho, nova instituição paulistana dedicada à arte e ao desenho. Essa iniciativa, desenvolvida pela administração municipal em 2012, propõe um recorte temático das quase duas mil obras da Coleção de Arte da Cidade que ilumina especificamente aquelas cujo suporte é o papel: desenhos e suas variantes. O texto de Farias recupera a história da coleção que, iniciada em 1945, como Seção de Arte da Biblioteca Municipal de São Paulo, passa pelo Centro Cultural São Paulo nos anos 1980 e chega ao século XXI assumindo o recém-restaurado prédio da Chácara Lane como sede do Gabinete do Desenho, que atuará dentro das atividades do Museu da Cidade de São Paulo.

No seu texto sobre o Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, Renato Anelli, tem como objetivo apresentar à comunidade de pesquisadores informações e reflexões a respeito da situação da Casa de Vidro, seu importante acervo de mais de seis mil desenhos, documentos, fotografias, filmes, livros, e obras de arte, e o seu papel na difusão da obra de seus fundadores nos últimos dez anos. Esse período é importante segundo o Diretor, pois “corresponde à ruptura com o modelo de gestão

familiar, ao esforço de recuperação do seu patrimônio financeiro e físico, e à difusão internacional espontânea, decorrente do interesse pela obra de Lina”.

No seu artigo Anna Paula Canez nos informa que, a partir da recente disponibilização feita pela Casa de Lucio Costa dos originais das versões não construídas do Pavilhão do Brasil, na Feira de 1939, em Nova York, obra de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, o Laboratório de História e Teoria da Arquitetura da UniRitter, em Porto Alegre, passou a digitalizar os preciosos e, até então, não divulgados registros. Tal acervo constitui parte da pesquisa intitulada “Lucio Costa: Obra Completa”, a pedido da arquiteta Maria Elisa Costa, dirigente da Casa de Lucio Costa. O artigo analisa profundamente esse material na versão que Oscar Niemeyer, fez do Pavilhão, assim como a versão de Lucio Costa, cuja análise foi complementada pelo redesenho, com utilização de tecnologias atuais e modelagem em computação gráfica, do projeto completo.

No seu artigo, a pesquisadora mexicana Lourdes Cruz, nos convida a conhecer o Archivo de Arquitectos Mexicanos sediado na Facultad de Arquitectura da UNAM, que desde 2002 tem se somado à tarefa de conservar e divulgar os acervos de quinze arquivos de arquitetos mexicanos, dos mais relevantes do século XX, como são: José Villagrán García, Mario Pani, Augusto Pérez Palacios, Augusto H. Álvarez, Carlos Mijares Bra-

cho, Abraham Zabludovsky, Enrique Carral, Enrique de la Mora, Manuel Rosen Morrison, Félix Candela, José Luis Benlliure, Mario Lazo Villareal, Ramón Torres Martínez, Enrique Yáñez de la Fuente y Jaime Ortiz Monasterio. Essa importante coleção continua crescendo a partir de novas doações e já conta com mais de cento cinquenta mil pranchas, além de fotografias e negativos de arquitetura mexicana desde o século XIX.

Para apresentar o Centro de Documentación de Arquitectura Latinoamericana (CEDODAL) a arquiteta argentina Marta García Falcó nos informa que é uma instituição fundada em 1995 pelo empenho e o esforço de Ramón Gutierrez e Graciela M. Viñuales e que hoje possui um dos maiores acervos de arquitetura especializada da América Latina. Esse centro inclui, entre suas coleções, documentos cartográficos que remontam ao século XVIII. Seu acervo inclui, também, uma importante biblioteca com mais de quarenta e cinco mil volumes, além de fotografias, desenhos, e documentos particulares de importantes historiadores e arquitetos argentinos como: Martín Noel, Sánchez, Lagos y de la Torre, Luis Morea, Mario Cooke, Alberto Prebisch, Gastón Mallet, Eugenio Baroffio, Willy Ludewig, Andrés Kálnay y Ernesto Vautier.

Em seu trabalho sobre o Servicio Histórico do Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid (COAM) o espanhol Alberto Sanz nos descreve o importante esforço de organização do vasto

material que o COAM preserva, e que o Serviço Histórico organiza e disponibiliza desde sua fundação em 1975. Sanz informa que “o arquivo e suas coleções oferecem a possibilidade do conhecimento direto das fontes primárias: projetos originais e sua documentação gráfica e textual que ali se guardam”. O acervo supera os duzentos mil documentos, sendo que até hoje um pouco mais da metade está à disposição do público, mas o trabalho continua para permitir que todos planos, desenhos, textos, fotografias e maquetes possam ter acesso livre para pesquisadores e estudantes.

Finalmente, fechando a seção com chave de ouro outra espanhola, a Professora Silvia Arbaiza, expõe o importante fundo documental de desenhos de arquitetura da notável Real Academia de Bellas Artes de San Fernando de Madrid, instituição fundada no século XVIII e que chega à atualidade demonstrando grande vitalidade e riquíssima tradição. Não por acaso foi o berço do ensino das Belas Artes, Arquitetura, Escultura e Pintura, durante mais de dois séculos, propiciando a formação de artistas renomados. Reúne assim coleções únicas da prática dessas disciplinas, como provas de alunos, desenhos dos mais variados fundos, com imagens belíssimas de seus Concursos Trienales e Premios Generales, coleções de desenhos que chegam até o século XIX, mostrando, em mais de sete mil desenhos, a construção da arquitetura clássica e eclética na Espanha.

Ponto de vista

Nesta seção, o pesquisador português Pedro Abreu defende que “o princípio da Sustentabilidade na arquitetura tem também de ser aplicado às formas”. Sua preocupação aponta o resultado de formas plásticas efêmeras, de vida curta, a partir de um ponto de vista cultural. Com efeito, assinala: “ainda que os materiais e os sistemas da obra construída sejam sustentáveis”, a obra pode deixar de sê-lo, fazendo parte de um sistema de modas passageiras. O artigo encaminha para a defesa de uma “tomada de consciência” debruçando-se sobre as condições que podem definir uma produção estética arquitetônica “sustentável”. A tese defendida por esse autor é a de que uma estética durável e, portanto, sustentável e ecológica far-se-á notar no desenho da forma. A velha preocupação com a distinção entre Natureza e Cultura volta à tona nesse trabalho, atualizando a discussão sobre a pertinência do lugar.

Os pesquisadores mexicanos Francisco Haroldo Alfaro Salazar e Alejandro Ochoa Vega nos apresentam sua visão sobre o desenvolvimento das cidades latino-americanas na segunda metade do século, que está determinado por um crescimento urbano desequilibrado e explosivo, como se evidencia no caso da Cidade de México. Eles lembram que foi necessária a construção de grande quantidade de conjuntos habitacionais e equipamentos urbanos, assim como a implementação de uma ampla infraestrutura de

serviços e de transporte, indispensáveis para o desenvolvimento da cidade. A capital do México, assim como outras importantes cidades do continente, transformou-se num polo de atração social, cultural e econômico, que demandou da construção de importantes equipamentos para a saúde, a educação e o esporte, caracterizando a consolidação de sua modernização durante o século XX. Os professores apresentam importantes exemplos de grandes conjuntos, como a Ciudad Universitaria (Cidade do México) ou a Ciudad Deportiva de la Magdalena Mixhuca. Analisam, também, o impacto dos grandes eventos internacionais da época, como a XIX Olimpíada de 1968 ou o Campeonato Mundial de Futebol de 1970. Considerando que em breve receberemos similares eventos no Brasil, confirma-se a relevância do tema para futuras discussões.

Clássicos, em português

Esta é uma nova seção da revista destinada a traduções de textos clássicos sobre arquitetura, urbanismo ou design, que, por encontrar-se em línguas estrangeiras, são de difícil acesso para os estudantes brasileiros. O intuito desta nova seção é, assim, divulgar textos curtos, mas relevantes, do pensamento disciplinar aos estudantes da graduação, ou ainda, da pós-graduação, para ampliar os seus repertórios analítico e crítico.

Nesta primeira aparição da seção apresentamos um artigo sobre o Manifesto de Doorn, importante texto que inaugura o trabalho do Team 10 nos

anos 1950. O artigo, além de apresentar o texto no idioma original (neste caso, inglês), traz uma tradução realizada por Fernando Vázquez, assim como uma resenha descritiva da importância do Manifesto, através do qual foram apresentadas na época as novas posições sobre o urbanismo e a arquitetura dos anos do pós-guerra. Nele se introduz o conceito de “habitat”, adotado pelos jovens arquitetos europeus que herdaram a tradição moderna e arriscaram superá-la. O artigo, enfim, procura situar o Manifesto em seu contexto histórico e cultural, incluindo, também as indicações bibliográficas nas quais se podem encontrar os originais e outras traduções ao castelhano e ao português.

Com relação ao manifesto L’Architettura futurista, o interesse do comentário aqui tecido é, a partir da tradução do manifesto de Sant’Elia, reexaminar o escrito em si e contextualizar as discussões desencadeadas após sua publicação. Procura-se ainda indicar algumas relações com o propósito de reconhecer posturas antecedentes tidas como prováveis raízes desse movimento, além de possíveis desdobramentos das proposições anunciadas no documento. Como a própria leitura do texto sugere: “na origem do futurismo coloca-se a impetuosa modernização e a incipiente massificação a que estão sujeitas a sociedade e a civilização tradicional. Diante da velocidade e da magnitude das transformações, o futurismo, assim como as demais vanguardas artísticas, não reage em defesa da sociedade e

da civilização tradicionais, mas, ao contrário, defende a beleza e a potencialidade liberatória da modernidade”. O manifesto e a arquitetura nele delineada projetam-se em um futuro diferente do passado e do presente, a ser conquistado contra todo e qualquer sinal de passadismo que deve ser impiedosamente destruído. A releitura do manifesto na atualidade faz pensar à crise de confiança no avanço tecnológico que se expressará com clareza em meados do século XX.

Em formação

Esta seção apresenta um trabalho de conclusão de graduação em arquitetura, de Daniel Chun, que busca fazer uma reflexão acerca dos espaços ou objetos arquitetônicos que se conectam à cidade de alguma maneira, implicitamente ou explicitamente, seja na escala do bairro ou numa escala mais ampla de intervenção urbana. Esses espaços, que são como um “respiro” para a cidade vão, aos poucos, sendo abandonados, tornando-se espaços residuais e áreas pouco utilizadas. O resultado final vale-se do desenvolvimento do projeto de uma biblioteca para, através dele, refletir sobre o tema da conexão urbana.

O outro trabalho publicado, de Silvio do Nascimento, procura servir-se do urbanismo e arquitetura como fatores de mudança. A valorização da vida pública, o resgate da cidadania e a valorização dos espaços públicos são os principais aspectos que devem impulsionar as ações so-

bre a cidade. As redes verdes e de infraestrutura propostas pretendem oferecer uma nova dimensão aos espaços e uma maior interatividade entre natureza e cidade, entre a micro e macro escala. Assim propiciar a obtenção de um espaço verdadeiramente público, que promova o resgate da cidadania.

Eneida de Almeida

Fernando Vázquez Ramos

Editores

